

O FAZ DE CONTAS DAS HISTORINHAS INFANTIS COMO BASE PARA FORMAÇÃO DA CRIANÇA LEITORA

Lívia Barbosa Pacheco Souza

Universidade Federal da Bahia (UFBA/Brasil).

<https://orcid.org/0000-0002-3148-5536>

E-mail: adm.liviapacheco@gmail.com

Juliana Santos do Carmo

Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Brasil).

<https://orcid.org/0000-0002-0458-8847>

E-mail: julivida1000@outlook.com

Elizabete Essamai Mangá

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/Brasil).

<https://orcid.org/0009-0003-2928-0421>

E-mail: essamaimangaelizabete@gmail.com

Jaciara Macêdo Coutinho Melo

Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Brasil).

<https://orcid.org/0009-0009-7851-9906>

E-mail: jaciaramacedocoutinhomelo@gmail.com

Joarsem Bacar Embaló

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/Brasil).

<https://orcid.org/0000-0001-5814-6983>

E-mail: joarsembacarembalo15@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N4-62>

RESUMO: O presente artigo apresenta como objetivo analisar a eficácia da utilização de histórias infantis no âmbito educacional denotando suas contribuições para a formação leitora das crianças. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa exploratória junto à base de Periódicos da CAPES selecionando artigos, dissertações, teses e livros. Utilizou-se como instrumento de geração de dados a análise dos relatos de cada experiência registrada nos trabalhos analisados. A partir das reflexões e resultados apresentados nos textos selecionados, foi possível realizar análises acerca da importância e contribuições das histórias infantis na educação como fator primordial para o desenvolvimento capacitatório da leitura e construção de habilidades para futuros escritores, que acompanharão a criança por toda trajetória na caminhada acadêmica que é iniciada no desde os primeiros anos de vida. Os resultados descrevem a relevância do uso das histórias infantis como base para a formação leitora da criança no sentido de promover o desenvolvimento do imaginário, das capacidades cognitivas e da inteligência emocional dos pequenos. Reconhecendo a influências dessas três dimensões para a formação leitora das crianças, ressalta-se a importância do desenvolvimento de propostas e práticas pedagógicas em sala de aula voltadas a formação leitora das crianças a partir dos jogos e das brincadeiras de faz de conta proporcionadas pelas histórias infantis.

PALAVRAS-CHAVES: Faz de conta. Formação leitora. Histórias infantis.

THE ACCOUNTING OF CHILDHOOD STORIES AS A BASIS FOR READING CHILD EDUCATION

ABSTRACT: The present article aims to analyze the effectiveness of the use of children's stories in the educational field, denoting their contributions to the reading formation of children. To this end, an exploratory qualitative research was carried out in the CAPES periodicals database, selecting articles, dissertations, theses, and books. The instrument used to generate data was the analysis of the reports of each experience registered in the analyzed works. From the reflections and results presented in the selected texts, it was possible to make analyses about the importance and contributions of children's stories in education as a primordial factor for the development of reading skills and the construction of abilities for future writers, who will accompany the child throughout the entire trajectory on the academic path that begins in the first years of life. The results describe the relevance of using children's stories as a basis for children's reading training in order to promote the development of the imagination, cognitive skills, and emotional intelligence of the little ones. Recognizing the influence of these three dimensions for the reading formation of children, we highlight the importance of developing pedagogical proposals and practices in the classroom aimed at the reading formation of children from the games and make-believe provided by children's stories.

KEYWORDS: Make-believe. Reading training. Children's stories.

INTRODUÇÃO

O domínio da leitura e da escrita é muito importante para o desenvolvimento da criança leitora sendo um fator de grande reconhecimento nas sociedades contemporâneas, principalmente por promover a participação interativa dessa criança no meio social dos sujeitos. Levando em consideração esse universo infantil, em contato com o ler através das historinhas formam bases para as condições socioeconômicas e as práticas sociais, vivenciadas pelo grupo em que estão inseridas, permitindo que elas construam, a partir de sua cultura pessoal, outras culturas e outros mundos (BEZERRA, 2018).

Nesse sentido discutir sobre o processo da formação da criança leitora e também contextualizar o historicismo sobre a educação para esse público no Brasil, destacando os principais desafios e como se iniciou o reconhecimento da criança enquanto portadora de direitos (BEZERRA, 2018). Com a utilização da metodologia pedagógica correta aplicada em sala, a formação de leitores infantis se torna prazerosa e ganha forças com experiências dessas leituras com textos de historinhas. Assim, este processo beneficia tanto a aprendizagem quanto a língua escrita ativando o prazer de ler, criar, recriar e ensinar.

O contato da criança com histórias, forma essa criança como leitora apresentando um mundo de possibilidades para apreciar, inferir, antecipar, concluir, concordar, discordar, perceber diferentes possibilidades, vivenciar a liberdade de criar, ordenar experiências emocionais com empatia, desenvolver a sensibilidade, partilhar experiências das diversas leituras com o outro trabalhando em equipe com os coleguinhas, refletir se auto corrigindo sobre problemas éticos, morais e sociopolíticos (BEZERRA, 2018).

Partindo desses pressupostos, o presente artigo tem como objetivo analisar a eficácia da utilização de histórias infantis no âmbito educacional denotando sua eficácia para a construção de crianças leitoras e escritoras. Para tal, utilizaremos as reflexões e orientações das pesquisas de outros autores através do método qualitativo exploratório. As histórias infantis na educação é um fator primordial para o desenvolvimento capacitatório, que irão acompanhar a criança por toda trajetória, espera-se com esta pesquisa evidenciar a necessidade da utilização de histórias infantis da formação da criança leitora na educação infantil para que se torne um cidadão crítico na sociedade.

CONCEITUANDO A LEITURA: LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E AS CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKY

O que é ler? Poderíamos considerar a leitura como formas de descobertas de novos mundos do conhecimento, conhecimento este não somente de dentro da sala de aula, mais o conhecimento do dia a dia, de cada momento através de cada objeto, de cada pessoa ou personagens imaginários. A leitura prepara caminhos de saberes e desperta o imaginário da criança como também o senso crítico quando vai evoluindo com seu crescimento. Para Amorim e Farango (2015, p. 137), ler é um processo de interação entre o leitor e o texto, em busca de uma finalidade. De acordo com o que está descrito nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998a, p. 47), a leitura tem como finalidade a formação de leitores mais aptos, que são entendidos como leitores que usam desse recurso para atender suas necessidades ou exercer atos de cidadania.

Já nas palavras da autora Lucia Queiroz (2013), a formação da leitura no mundo infantil, ganham forças a partir das experiências de leitura com historinhas, pois, elas orientam tanto para a aprendizagem da língua escrita quanto aguçam o desenvolvimento

do prazer de ler, a autora também destaca que, “as crianças, desde muito cedo, participam de contextos de leituras prazerosas suas chances de se tornarem leitoras é maior. Tornar-se um leitor autônomo e crítico exige diferentes habilidades e competências, as quais devem ser desenvolvidas na escola” (QUEIROZ, 2013, p. 15956). Ler é “apreciar, inferir, antecipar, concluir, concordar, discordar, perceber diferentes possibilidades de uma mesma leitura, vivenciar a liberdade, ordenar experiências emocionais, desenvolver a sensibilidade e a estética, partilhar experiências das diversas leituras com o outro” (QUEIROZ, 2013, p. 15956).

Consideramos a leitura como uma forma de intervenção política, social, econômica na vida da criança que deve começar desde cedo, para Amorim e Farango (2015, p.138) ler é antes de tudo, um direito fundamental do cidadão e uma das principais vias de acesso ao conhecimento e à cultura. Portanto, promover a leitura em nossas escolas pode ser uma estratégia apropriada contra o analfabetismo, bem como para o desenvolvimento e a construção da autonomia dos cidadãos do nosso tempo. Reconhecendo essa importância neste caso, do contato entre o público da educação infantil com a leitura, o Estado legitima essa prática no âmbito legislativo. Bezerra (2018) explica como ocorreu este processo no Brasil, segundo ela:

A trajetória da Educação Infantil no Brasil foi marcada pelo assistencialismo em oposição ao caráter pedagógico necessário na primeira infância. O reconhecimento da infância é algo relativamente novo. Durante muitos anos, a mortalidade infantil era vista como algo natural. Era parte da arte medieval desconhecida a infância e não representá-la, é mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo, não havendo nenhuma distinção entre a criança e o mundo adulto. No período do Renascimento Italiano, a concepção de infância foi revista e a criança passa a ser vista como “um ser inacabado, vista como um corpo que precisa de outros corpos para sobreviver, desde a satisfação de suas necessidades mais elementares. (BEZERRA, 2018. p. 14)

No primeiro momento a criança é vista como seres igualitários aos adultos, já no segundo momento as instituições na França declaram a criança como um ser que necessita de auxílios para se desenvolver. E neste caso, os preceptores compreendem, por exemplo, a necessidade da criança de se relacionar com outras crianças (QUEIROZ, 2015). Tudo começa a mudar nos outros países com a adoção da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que foi apoiada pela Organização das Nações Unidas - ONU, datado em 1948.

Essa declaração categoriza a criança como portadora de direitos que deveriam ser garantidos em Lei, isso teve muitas reverberações no Brasil, pois, a declaração da ONU autêntica a criança como detentora de cuidados e assistências, com direito ao nome, nacionalidade e a garantia de proteção do país de origem (BEZERRA, 2018).

As corridas nos países para implementar essa nova ordem da ONU modificaram várias políticas que começaram a ser elaboradas e reformuladas com o enfoque na infância, assim as mudanças começaram com:

No Brasil em 1988, a Constituição da República do Brasil representou a ruptura de um regime ditatorial para a democracia, decretando em seu artigo 205 que “A Educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania” (BRASIL, 1988, p. 51).

Assim a autora conclui afirmando que a educação foi declarada como direito do cidadão desde o nascimento, por isso, acaba favorecendo a criação de um marco legal e normativo, conferido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Destacando que a publicação inicial desta Lei foi em 1996, nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, traz um grande avanço para a Educação Infantil incorporando-a à Educação Básica, (BEZERRA, 2018, p. 18). É interessante mencionar também que foi, com a Constituição de 1988 e da LDB de 1996, que outros documentos surgiram objetivando direcionar o trabalho pedagógico da educação infantil, foram eles: Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) em 1998 e as Diretrizes Nacionais da Educação Infantil em 1999, bem como as novas Diretrizes de 2010 (BEZERRA, 2018, p. 50). Estes referenciais articulavam estratégias para que o trabalho pedagógico agisse com eficácia orientando o professor a agir de forma correta nas situações considerando as dificuldades de cada faixa etária. Para o contexto brasileiro as orientações foram:

[...] elaborados objetivos e ações voltadas para a educação no Brasil com enfoque na diversidade e pluralidade étnica, religiosa, de gênero, social e cultural das crianças, que respondam às demandas sociais do contexto brasileiro. Inicialmente, o documento traz a concepção da criança como resultado de um processo histórico e cultural que possibilitará a construção de sua identidade deixando claro que “A identidade é um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modo a agir e de pensar a história pessoal” (BRASIL, 1988, p. 56).

Apesar deste documento desenhar o formato de como os profissionais da educação infantil respeitam os fatores envolvendo raça, gênero, classe sociais, religião e pluralidades, a educação brasileira ainda tem que se emancipar do modelo de dominação e hierarquia (BRASIL, 1988). E dentro destes aspectos, a educação infantil em sala de aula, também se torna palco de definições e classificações que envolve a história antepassada, por exemplo, durante muitos anos acreditava-se que éramos seres concebidos de herança de uma certa genética biológica sendo este fator determinante no processo de desenvolvimento dos indivíduos (BEZERRA, 2018). Porém, esta categorização foi contestada por Vygotsky em 1920, sua tese afirma o desenvolvimento está ligado ao psicológico assim o indivíduo interage com o ambiente social, isso estabelece e possibilita condições de neutralidades criando condições favoráveis para o desenvolvimento da consciência, sendo essa consciência as bases para um desenvolvimento infantil (MELLO, 1999). Para Vygotsky (1996, p. 264):

[...] no processo de desenvolvimento a criança se apropria de comportamentos presentes em seu cotidiano e atribui significado às atividades exercidas incorporando-as na sua prática social. A situação social de desenvolvimento é o ponto de partida para todas as mudanças dinâmicas que se produzem no desenvolvimento durante o período de cada idade. Determina plenamente e por inteiro as formas e a trajetória que permitem a criança adquirir novas propriedades da personalidade, já que a realidade social é verdadeira fonte do desenvolvimento (VYGOTSKY, 1996, p. 264).

A colaboração de Vygotsky é muito importante neste sentido, pois ela coloca a criança como autora principal do seu saber e desta forma ela se desenvolve levando esse desenvolvimento a cada idade e que seus conhecimentos vão se organizando mediante a suas experiências. Pois, quando essa criança nasce, muitos objetos e costumes são desconhecidos, ela só aprende a lidar com a função desses objetos quando os utilizam no cotidiano, aprendendo com ele a cada dia. (VYGOTSKY, 2010).

DA SALA DE AULA PARA O MUNDO: DESAFIOS PARA FORMAÇÃO LEITORA DE CRIANÇAS

Como profissionais da educação, sabe-se que a sala de aula é um local em que o saber e o conhecimento criam vida através das imaginações das crianças, mas, também têm muitos desafios, o maior deles é transmitir o conhecimento de forma que a criança

aprenda e coloque em prática. Sem dúvida, esse é o maior desafio para o educador, que, a depender da metodologia utilizada, esse desafio pode o levar de forma mais facilitada no objetivo almejado. Para as autoras Castro e Winkeler (2011), a escolha da metodologia pedagógica correta representa direcionar a criança a uma aquisição com adequação e práticas de leitura. Assim elas complementam que, os educadores no processo de ensinar a criança a ler, é preciso aprender novas técnicas e desenvolver situações para compor o desenvolvimento da leitura.

É percebido que os recursos utilizados para a concepção da leitura interferem nos objetivos a serem alcançados. A criança estabelece um contato com a leitura segundo a criação de uma nova realidade e em seguida aprende a ler e desenvolve o gosto por tal atividade (CASTRO; WINKELER, 2011). As autoras destacam como uma boa técnica para um maior desenvolvimento a leitura, trazer para a sala de aula embalagens de alimentos, as placas de ruas, para incentivar as crianças a lerem e adquirem percepção e leitura de mundo, pois, “a leitura e escrita são práticas sociais. Sendo assim, a criança desenvolve a linguagem falada, lida e escrita pela interação com o meio social e também fazendo ligação com o que ela já sabe” (CASTRO; WINKELER, 2011). Para, Colomer e Camps (2002, p.30) a inserção de objetos que incentivam a leitura, permite ao leitor resolver as ambiguidades e escolher entre as interpretações possíveis de vários gêneros textuais, segundo Adam e Starr (1982), quando se lê um texto com significado não se leem as letras, e sim, as palavras e as frases que o compõem do mesmo modo que se fossem apresentadas isoladamente e, inclusive, a velocidade da leitura de uma frase depende do contexto à sua volta, e se este contexto for representado por sinais é melhor entendido (COLOMER; CAMPS, 2002).

É importante a utilização de materiais com outros formatos para orientar na leitura, pois, segundo os autores:

[...] a leitura que ocorre verbalmente não fica explícita sua informação, e o leitor deverá deduzir e interpretar continuamente com informações, conhecimentos, elementos do texto que são divididas entre emissor e receptor. Estes estudos mostram que quando o indivíduo lê buscando um significado para o texto através de sinais visuais e mecanismos, logo lhe concedem um sentido, isto é, compreendê-lo. O conhecimento prévio que o leitor traz e o que ele encontra no texto, são dois processos que acontecem ao mesmo tempo denominados modelos interativos de leitura (COLOMER; CAMPS, 2002, p. 42).

Além destes pontos principais, o que é preciso para formar crianças leitoras? Além da técnica, o educador também deve usar a criatividade mediante ao grupo de alunos. Por exemplo, as autoras têm o projeto analisado por elas, chamado de “Contador de histórias”, para realização deste, era usada uma caixinha, decorada com cores alegres e tinha diferentes livros de historinhas infantis. Para a escolha destas histórias os educadores as selecionavam de acordo com a idade e interesse das crianças. Essa caixinha era posta na sala, para que as crianças escolhessem o seu livro preferido, para levá-lo para casa, e preferencialmente, para ler com os pais. O segundo momento desse método engloba o fazer o registro sobre a historinha que foi lida, que poderá ser através da escrita, de desenhos, montagem, colagem, desenhos com massinha de modelar ou alguma outra forma escolhida. Já o terceiro momento é será a apresentação do que foi produzido pela criança leitora, para os colegas e o livro que leu (CASTRO; WINKELER, 2011). Esse projeto além de despertar nas crianças o interesse pela leitura, desenvolve também a criatividade, o trabalho em equipe e futuros escritores.

Partindo desses pressupostos, entendemos que podemos formar crianças leitoras a partir das histórias e através destas histórias é necessário a utilização de outros caminhos para melhor entendimento desta historinha e a transmissão desse entendimento em forma de conhecimento para as outras crianças, pois:

A partir disso, ela começa a gostar dos livros, percebe que eles fazem parte de um mundo atraente, onde a fantasia se apresenta por meio de palavras e desenhos, pois, o amor pelos livros não é coisa que aparece de repente”. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecer. Assim, pais e professores têm um papel fundamental nesta descoberta: serem estimuladores e incentivadores da leitura. Nesse sentido pode-se dizer que a capacidade e a curiosidade pela leitura estão intimamente ligadas à motivação e aos modelos de leitor ao qual as crianças vão seguir. (CASTRO; WINKELER, 2011, p. 14030).

O incentivo para a criança com a leitura de historinhas infantis é debatido e defendido pelo Centro de Educação Infantil, que abraçou essa proposta como proposta pedagógica com a contribuição e compromisso com professores que realmente se preocupam em trabalhar com a leitura independentemente da faixa etária das crianças, essa proposta apresenta como práticas de leitura:

1- Participação nas situações em que os adultos leem textos de diferentes gêneros como contos, poemas, notícias de jornal, informativos, parlendas, trava línguas etc.;

- 2- Participação em situações em que as crianças leiam, ainda que não façam de maneira convencional;
 - 3- Reconhecimento do próprio nome dentro do conjunto de nomes do grupo nas situações em que isso se fizer necessário;
 - 4- Observação e manuseio de materiais impressos como livros, revistas, histórias em quadrinhos, previamente apresentado ao grupo;
 - 5- Valorização da leitura como fonte de prazer e entretenimento.
- (Projeto Político Pedagógico, 2009, p. 67).

É importante também, fazer parte das estratégias e metodologias dos professores que objetivam formar crianças leitoras e futuras escritoras, nas práticas de transmissão de conhecimento os fatores: planejamento, apresenta todo dia a leitura de uma história diferente para as crianças, visita a bibliotecas na escola e as públicas, se possível, a construção de cantinho da leitura com livros, revistas, jornais, gibis que possam ser manuseados pelas crianças (CASTRO; WINKELER, 2011).

O “FAZ DE CONTA” DAS HISTÓRIAS INFANTIS: SEU USO PARA FORMAÇÃO E CRIANÇAS LEITORAS

É bem verdade que já dialogamos com vários autores sobre a importância da leitura para o público infantil e para a formação de leitores e como esse importante fator ativa outras cognições da criança no momento do aprendizado das mesmas. Um caminho que é muito eficaz é a utilização de historinhas como ponto principal para esse desenvolvimento com a leitura, como aponta as autoras Costa, et al., (2016, p. 09), em concordância com os regulamentos sobre o assunto do Ministério da Educação - MEC, apontam alguns pontos positivos da eficácia dessa prática:

- Desenvolver o repertório: ler é um ato valioso para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional. É uma forma de ter acesso às informações e, com elas, buscar melhorias para você e para o mundo.
- Liga o senso crítico na tomada: livros, inclusive os romances, nos ajudam a entender o mundo e nós mesmos.
- Amplia o nosso conhecimento geral: além de ser envolvente, a leitura expande nossas referências e nossa capacidade de comunicação.
- Aumenta o vocabulário: graças aos livros, descobrimos novas palavras e novos usos para as que já conhecemos.
- Estimula a criatividade: ler é fundamental para soltar a imaginação. Por meio dos livros, criamos lugares, personagens, histórias.

-Emociona e causa impacto: quem já se sentiu triste (ou feliz) ao fim de um romance sabe o poder que um bom livro tem.

-Muda sua vida: quem lê desde cedo está muito mais preparado para os estudos, para o trabalho e para a vida.

-Facilita a escrita: ler é um hábito que se reflete no domínio da escrita. Ou seja, quem lê mais escreve melhor. (COSTA; COSTA et al., 2016, p. 09).

Devido a todos benefícios entre outros muitos estudiosos e teóricos têm voltado suas pesquisas e olhares para essa modalidade educacional de aplicar as historinhas como fator principal para a formação de crianças leitoras. Eles têm pesquisado a influência destas leituras para o desenvolvimento cognitivo das crianças, sendo uma das bases essenciais para as demais etapas educacionais. Por isso, além da preocupação em inserir as crianças desde cedo no mundo da leitura para que ela possa ter uma aprendizagem prazerosa. Também engajar o educador com a leitura destas histórias para as crianças ensina organização, empatia, solidariedade, afeto, respeito, através deste simples ato de ensinar a ler e ler para elas (COSTA; COSTA “et al”., 2016). Porém, antes do professor escolher estas historinhas, segundo Fonseca (2012, p. 48), deve se autoquestionar mediante as seguintes perguntas: “como vou preparar meus alunos para que eles possam receber essa leitura, de modo que sintam incentivados, encantados, curiosos, que queiram ouvi-la e saber mais sobre o livro, autor, ou gênero selecionado?”.

A autora (BEZERRA, 2018), nos orienta sobre a utilização do “faz de conta”, tanto na leitura quanto na escrita na nossa didática educacional. A expressão do faz de conta ativa o imaginário da criança, pois geralmente é um termo utilizado nos inícios das historinhas. O interessante é que a autora liga esse termo para a prática da leitura e da escrita na vida das crianças pois elas são sujeitas de práticas socioculturais, por quê:

[...] experimentam diversos eventos de letramento bem antes de saber ler e escrever, eventos ligados a diferentes práticas sociais mediadas pela escrita e aos gêneros discursivos delas decorrentes. Mesmo bem pequenas, elas brincam de ler o livro tantas vezes lido para elas, de escrever uma lista ou bilhete para lembrar a alguém de alguma coisa, observam a receita do bolo sendo preparado, fazem anotações e falam sobre seus escritos, inventam situações comunicativas, pedem para que leiamos para elas, perguntam “o que tá iquito aqui?” (ARAÚJO, 2017, p. 352).

Ou seja, a criatividade despertada na criança através das historinhas infantis é somada com o conhecimento criativo que cada criança já possui, formando um mundo de

interações e possibilidades que é unificado com os outros bares dos coleguinhas em sala de aula. Assim, elas também vão se apropriando das práticas sociais, pois as histórias são a representatividade da sociedade com uma linguagem infantil que também irá despertar a prática pela escrita. Bezerra (2018, p. 352), afirma que esse processo produz interpretativamente a cultura, chamando-o de evento de letramento e de práticas discursivas letradas. Pois, nele há interação com os outros adultos e outras crianças que participam do mundo letrado que é a escrita, e as funções motoras e cerebrais vão desenvolvendo e constituindo foco de interesse da criança em aprender e ensinar ao coleguinha e aos pais (BEZERRA, 2018). Os eventos de letramento são, justamente, eventos em que a linguagem escrita é essencial à natureza das interações, mesmo que se deem via oralidade – já que as práticas discursivas orais se acham fortemente imbricadas à apropriação da linguagem escrita, ao letramento.

Partindo desses pressupostos, o contato da criança com as historinhas significa também que elas estão tendo o contato com o letramento, a escrita, os sinais, personagens, linguagens não escritas, que juntas representam a cultura da sociedade e que estão responsáveis em formar na criança não somente a criatividade, e também cidadãos críticos com bons princípios para conviverem em sociedade. Para a autora, estes aspectos desencadeiam outras experiências que envolvem “o ouvir histórias, recontá-las, conversar sobre elas, escrever o nome nas produções e pertences, produzir textos por meio de um escriba, dentre outras, o letramento relacionado à o faz de conta, ressalta práticas de leitura e escrita, com seus materiais e instrumentos, podem ser, a depender das experiências de letramento que as crianças tiverem, incorporadas a suas historinhas em formato de brincadeiras (BEZERRA, 2018, p. 357). Assim, reconhecemos que existe uma junção entre o ler, historinhas e brincadeiras no processo de formação de crianças leitoras, assim nas palavras dos autores, Kishimoto (2013, p. 31) ratifica a brincadeira simbólica como forma de incorporar práticas de letramento em contexto escolar, para Heath (2016, p. 137):

sugere, assim, a possibilidade na Educação Infantil, organizar o ambiente e para atividades lúdicas de diversos portadores e instrumentos de escrita, que podem ser incorporados pelas crianças às suas brincadeiras: como materiais impressos diversos, livros, jornais, agenda, conta de luz, talão de cheque, papel, canetas, lápis, computador, dentre outros. Esses materiais, portadores e instrumentos podem entrar

no faz de conta – que passa a incorporar os usos rituais sociais de leitura e de escrita que as crianças conhecem, que observam, compartilham, experimentam – na medida em que essas práticas letradas são fundamentais ao contexto da brincadeira.

Os usos destes materiais servem também para formulações de novas historinhas que estão inclusas nesse faz de conta, como explica o autor que, “no brincar relacionado ao letramento, é o evento de faz-de-conta que determina a natureza da resposta letrada” (2016, p. 137). Esse processo educacional acaba provendo um espaço, tempo com recursos básicos que estarão relacionados às práticas letradas, o brincar pode, segundo a autora, incorporar o letramento de modo significativo e contextualizado (BEZERRA, 2018, p. 356). Porém, como educadores devemos ter atenção, como destacar a autora “para o risco de, na escola, esse faz de conta e seus espaços serem demasiadamente ordenados, pré-determinando as “dinâmicas que se inscrevem na brincadeira, disciplinando comportamentos” (VÓVIO; ROMERO, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar que o domínio da leitura e da escrita é muito importante para o desenvolvimento da criança leitora, se tornando um processo fundamental na construção de aprendizagem para a criança leitora, sendo que, através desta construção educacional desenvolve para a criança o senso crítico em relação aos reconhecimentos na sociedade contemporânea. Como também, promove a participação interativa dessa criança no meio social como sujeito, que está integrado ao universo infantil, que se dá, através da leitura e das historinhas formulando viés para as condições socioeconômicas, vivências nos grupos em que estão inseridas, permitindo a construção, a partir de culturas e outros mundos.

Porém, antes de pensarmos nas crianças enquanto praticantes da leitura e as historinhas infantis, como objetos de modelagens sociais, para o cotidiano destas, é importante também entender que em conjunto com estes processos perpassa a contextualizar o historicismo sobre a educação para esse público no Brasil, tendo como maior desafio a estruturas econômicas e sociais e o reconhecimento dessa criança enquanto portadora de direitos. Que conseqüentemente muda a metodologia pedagógica aplicada em sala, porque além de priorizar a formação de leitores infantis, como fator

prazeroso, essa metodologia deve também colocar forças nas experiências de leituras voltadas para cidadania, movimentos sociais e política, sem perder as cores e diversões infantis, ou seja, é a língua escrita ativando o prazer de ler, criar, recriar e ensinar.

Partindo desses pressupostos, entendemos a eficácia da utilização de histórias infantis no âmbito educacional, têm sua veracidade tanto para a construção de crianças leitoras e escritoras, quanto a iniciação de um ciclo, que apresenta para estas crianças um mundo de possibilidades para: apreciar, inferir, antecipar, concluir, concordar, discordar, perceber diferentes possibilidades, vivenciar a liberdade de criar e ordenar. Ciclo que direciona um bem viver em sociedade através de experiências emocionais com: empatia, desenvolver a sensibilidade, partilhar experiências das diversas leituras com o outro trabalhando em equipe com os coleguinhas, refletir se autocorrigindo sobre problemas éticos, morais e sociopolíticos. Dessa forma, as histórias infantis na educação são primordiais para o desenvolvimento capacitatório, que evidencia sua necessidade na educação infantil e na construção da vida cidadã.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M.C.B.; FARAGO, A.C. As práticas de leitura na educação infantil (Reading practices in early childhood education). **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, v.2, n.1, p.134-154, 2015.
- ARAÚJO, L.C. Ler, escrever e brincar na educação infantil: uma dicotomia mal colocada. **Revista Contemporânea de Educação**, v.12, n.24, mai/ago, 2017.
- BEZERRA, E. de S. **A Formação do Leitor na Educação Infantil: Da Descoberta ao Encantamento**- Rio Claro, 2018, 59 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998a, v. 2.
- CASTRO, G.Y.G. de; WINKELER, M.S.B. **A importância da leitura na educação infantil: relato de experiência em um CEI de Curitiba-PR**. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO- EDUCERE- Curitiba, 7 a 11 de novembro de 2011.
- COLOMER, T.; CAMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. São Paulo: Artmed, 2002.
- COSTA, C.B. da, et al. A importância da leitura na Educação Infantil. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXVI, Nº.000093, 2016.

SOUZA, L.B.P.; CARMO, J.S.; MANGÁ, E.E.; MELO, J.M.C.; EMBALÓ, J.B. O faz de contas das historinhas infantis como base para formação da criança leitora. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 2, n. 4, p.898-911, out./dez. 2023. ISSN: 2965-0003.



FONSECA, E. **Interações:** com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da educação infantil. São Paulo: Blucher, (Coleção InterAções), 2012.

HEATH, N. O brincar, o letramento e o papel do professor. In: MOYLES, J. (Org.). **A excelência do brincar.** Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 135-47.

KISHIMOTO, T. Brincar, letramento e infância. In: KISHIMOTO, T. M.; OLIVEIRA-FORMO-SINHO, J. **Em busca da pedagogia da infância.** Porto Alegre: Penso, 2013. p. 21-48.

MELLO, S.A. Algumas implicações pedagógicas da Escola de Vygotsky para a educação infantil. **Proposições**, Campinas, v.10, n.1, mar.1999.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Centro de educação infantil Santa Bertilla Boscardin.** Curitiba: 2009.

QUEIROZ, N.L. Formando Leitores: **Contando e ouvindo histórias com crianças da Educação Infantil.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO- EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2013.

VÓVIO, C. L.; ROMERO, M. A formação de leitores no ciclo de alfabetização: a palavra escrita como brinquedo e a leitura como brincadeira. In: SILVEIRA, E. et al. (Orgs.). **Alfabetização na perspectiva do letramento:** letras e números nas práticas sociais. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, p. 153-75. 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Submissão: junho de 2023. Aceite: setembro de 2023. Publicação: novembro de 2023.